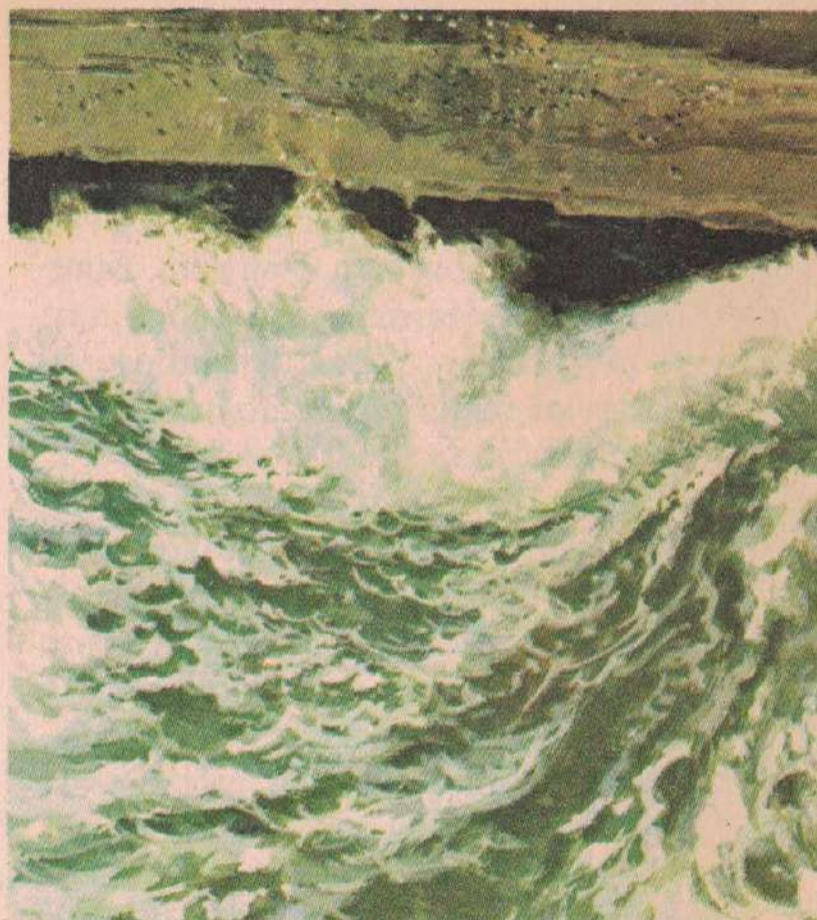


“Mas Estamos VIVOS!”

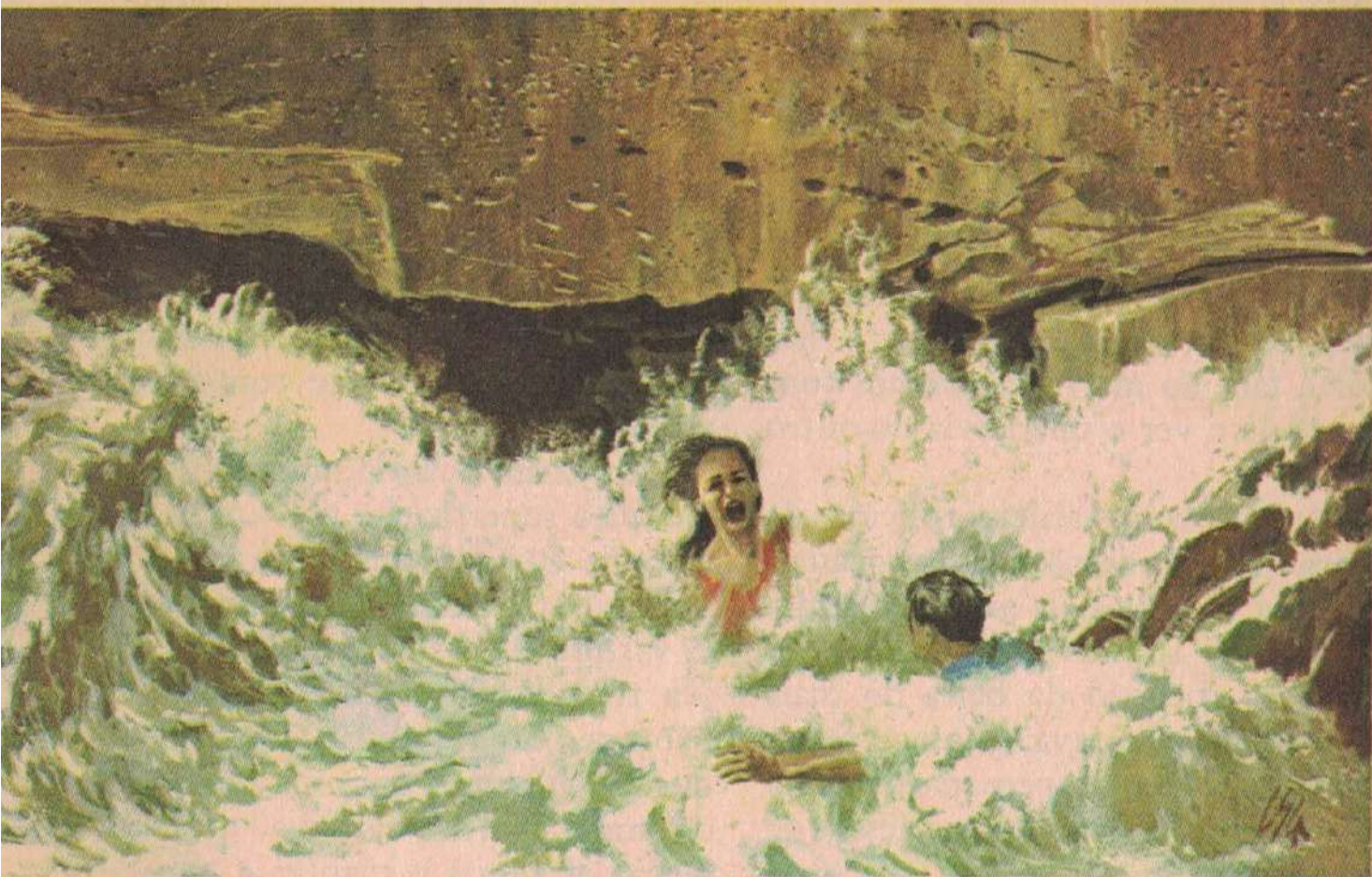
O encontro com a morte quase certa sob o terrível poderio do oceano faz nascer uma nova consciência de tudo o que é precioso na vida

DORIS AGEE



CRIADA À beira-mar, em pequena eu costumava espantarme com pessoas que, num manso dia de verão, davam um jeito de se afogar. Não entendia que alguém pudesse ter medo da água a ponto de apavorar-se e afundar, em vez de simplesmente boiar até chegar socorro. (Essa lição básica eu aprendera desde cedo.) Causava-me espanto também que as pessoas—bons ou maus nadadores—se metessem em ondas fortes, deixando-se martelar contra a areia ou arrastar para longe. O afogamento me parecia uma maneira ridícula e desnecessária de morrer.

Numa terça-feira, 20 de setembro de 1966, eu descobri que não é preciso nenhuma habilidade especial pa-



ra a gente se afogar. Está ao alcance de qualquer um. Até uma nadadora forte como eu, com anos de experiência, consegue fazê-lo. Naquela tarde, às 4h 34m, eu estive por um triz. A ferrugem fixou os ponteiros de meu relógio naquela hora. O relógio não tem consêrto, e eu não desejaria que o tivesse. Quero lembrar-me daquele dia.

Éramos três. Don Horan e Jess Paley, de uma firma de produtores de televisão, com sede em Nova York, tinham voado para a Califórnia naquela manhã, a fim de procurarem cenários para um filme que tinham em vista. Por intermédio de um amigo comum, eu me oferecera para mostrar-lhes umas praias perto de minha casa. Acabávamos de nos

conhecer, mas logo nos deixamos levar a uma amizade simples e natural. Estávamos animadíssimos quando, pouco depois das quatro horas, encontramos a praia que parecia ideal para o filme.

O sol coruscava nas ondas de arrebentação. Não havia ninguém nadando, e só poucas pessoas estavam sentadas na vasta extensão de areia rosa e ouro. Gaivotas desciam em vôo rápido e pousavam à beira do oceano. A pouca distância da praia, havia uma imponente massa de rochas negras, e de vez em quando uma onda lhes batia na base e lançava para o alto uma tôrre de espuma. Se eu estivesse pensando, e não apenas apreciando a cena, teria reconhecido os inconfundí-

veis sinais da maré alta. Não reparei em nenhum.

Paramos o carro perto da base de um rochedo grande e achatado no alto, cuja aparência nos deixou intrigados: seus flancos côr de chocolate se elevavam da praia em vertical e sua frente larga e lisa fazia face ao mar. Resolvemos contorná-lo e ver o que havia do outro lado.

Rindo da aparência ridícula de nossas roupas de passeio, avançamos em fila indiana pela areia molhada. Cêrca de 10 metros separavam a base do rochedo da beira do mar. Era quanto bastava, pensamos—ou será mesmo que pensamos?—para caminharmos. De repente, Jess, que ia adiante de nós, parou para tirar os sapatos, e eu notei, com uma violenta sensação de perigo, que a pedra estava molhada até uma altura bem acima da cabeça dêle. Ia falar no assunto, justamente, mas não houve mais tempo.

Todos vimos no mesmo instante a grande onda que avançava para nós espumando. Não havia para onde fugir, de modo que recuamos para a rocha. Instintivamente, para diminuir a resistência, virei o corpo de lado.

A onda me pegou com uma fôrça incrível, passando por baixo de mim, galgando a rocha e caindo sôbre si mesma. De repente, eu me vi revirada, torcida, atirada para baixo repetidamente. Daí a poucos instantes, eu estava longe, em águas profundas. Outras ondas au-

mentavam o reboante e fervilhante turbilhão. Eu sentia no nariz e na garganta o ardor do sal da água que entrava. Uma coisa pesada—algas?—se enrolou nas minhas pernas e nos meus pés, puxando-me para baixo. Tentei bater os pés para libertar-me do pêso que me arrastava para o fundo, mas êle continuou, atormentando-me.

De vez em quando, minha cabeça varava a superfície, e por um breve instante eu conseguia respirar. Uma vez, subi de frente para o rochedo, e vi que êle estava muito longe. Na turbulência sempre cambiante, não era possível nadar. O máximo que eu conseguia era uma tentativa de andar dentro da água, de conservar as fôrças e manter a cabeça acima das ondas. Concentrei-me em relaxar o corpo, esperando que outras ondas me empurrassem para terra.

Olhei então para cima, e vi uma enorme onda crescendo, e senti a água puxando para fora e baixando, como sempre acontece antes dessas ondas. No instante seguinte fui empurrada adiante da onda, em sua corrida para a praia. Na certa ia ser jogada contra o rochedo!

Por felicidade, a onda só me levou a um ponto um pouco aquém da praia. Don estava de pé na arrebenção, pertinho. Estendeu a mão para mim. Eu queria gritar: “Não faça isso. Você também vai ser puxado para fora!” Mas não foi preciso, pois senti-me arrastada, com incrível velocidade, para águas pro-

fundas. A onda que me carregara quase até lugar seguro agora me afastava novamente. Perdi Don de vista.

Fui de novo revirada e retorcida, impotente, com a mesma falta de ar e o peso nas pernas. Novamente fui quase levada de volta à praia e mais uma vez arrastada para fora. Ocorreu-me, com uma clareza chocante, que eu estava irremediavelmente aprisionada. Não podia sair das ondas—nem para a praia, nem para a relativa calma de fora da arrebentação. Ia morrer.

Vi minha bolsa flutuando sobre uma onda, e pensei: "Se ao menos eu conseguir apanhá-la quando vier nesta direção..." Só então me lembrei de que não precisava mais dela. Pensei em meu marido, Bill, e no amor que lhe tinha. Há quanto tempo não lhe dizia que o amava? Quem o iria esperar ao trem das seis horas? Quando saberia ele o que fôra feito de mim?

Todo pensamento foi interrompido por uma onda enorme, que arrebentou precisamente sobre a minha cabeça. De pouco mais me lembro. Uma vez ouvi alguém gritar: "Agüente! Você está segura!" Mas a voz parecia distante e estranha, e eu não senti mão nenhuma segurando a minha. (A onda me levava diretamente para junto de Don, contou-me ele depois. Ele agarrou minha mão, mas ela estava inteiramente inerte e escorregou da sua, quando as ondas me puxaram para longe. Don imaginou que eu estivesse morta.)

De repente, inacreditavelmente, vi-me na praia, com a cara na areia, metade do corpo dentro e a outra metade fora da água. Alguém gritou: "Corram! Ainda está em tempo!" Don se arrastou até onde eu estava, agarrou minha mão e caiu na areia ao meu lado. Eu tentei levantar-me, mas não conseguia sequer erguer a cabeça. Ouvia as ondas estourando atrás de mim, e sabia que daí a instantes seria arrastada para o mar, pela última vez. Tôda a minha vontade, tôda a minha esperança foram mobilizadas para o esforço de levantar-me da areia. Mas não conseguia mover-me.

Foi então que apareceu Jess, uma figura vaga acima de nós. De algum modo, ele pôs Don de pé, e os dois conseguiram levantar-me. Tropeçando, caindo, engatinhando, lutamos para afastar-nos das pedras. Foi um pesadelo em câmara lenta, uma eternidade até que caímos, amontoados e encharcados, sobre a areia seca e segura. Ficamos muito tempo ali jogados, silenciosamente agarrados uns aos outros, sem querermos nem podermos separar-nos.

De repente, começamos a falar, todos ao mesmo tempo, com o pouco fôlego que tínhamos, dizendo coisas bôbas e óbvias. Contamos as nossas perdas—a minha bolsa, a carteira de Don. Era ainda muito cedo para declarar a verdade: tínhamos sido descuidados, tínhamos sofrido as conseqüências, e só um milagre nos pusera aos três de volta na praia. Sim, contávamos o que havíamos

perdido, e tôdas as vêzes acabávamos com a mesma frase: "Mas estamos vivos!"

Já então havia gente, muita gente, de pé, à nossa volta. Disseram-nos que tínhamos sido arrastados para muito longe. Um homem disse: "Só um louco passaria pela frente daquele rochedo com a maré alta." Maré alta! Eu, criada à beira do oceano, nem sequer tinha notado. Outro homem disse: "Eu moro naquele chalé. Já vi muita gente surpreendida pela maré onde vocês estavam. A maioria não consegue voltar. Nem depois de mortos."

Afinal, conseguimos ficar de pé e comparar nossas experiências. Don fôra atirado de encontro à rocha pela primeira onda, batendo com a cabeça na pedra. Fôra arrastado pelas ondas duas vêzes. Jess, por sorte, só tinha sido puxado para o mar uma vez, e assim fôra êle, por ter mais fôrça, quem afinal nos tirara do mar e nos salvara. Meu costume de lã grossa demonstrava o poder do oceano e ação da areia: estava todo esburacado, coma bainha rasgada e pendurada, batendo-me quase pelos tornozelos.

Durante vários dias, depois disso, dormi muito pouco. Tinha o corpo doído e cheio de contusões e o es-

pírito agitado. Pensava e tornava a pensar na maneira por que a coisa começara: na maneira irresponsável como enveredamos por aquêle caminho, sem deixar possibilidade de fuga. Pensei nas muitas ocasiões de minha vida em que, sem mêdo do poder do oceano, eu me colocara em igual perigo, sem sofrer nada. Êsse tempo acabou. Daqui por diante hei de nadar—e viver—com um nôvo respeito pelas fôrças da natureza.

Desde aquela têrça-feira, muitas coisas maravilhosas me têm sido dadas. Tenho visto, com os olhos e o espírito, poentes que nunca antes vira. Ouvi um estudo de Chopin tocado por um gênio de 15 anos. Tenho queimado a língua com café fervendo. Tenho ouvido gente falando e rindo. Tenho visto o capim alto se curvando ao vento, e lágrimas nas faces de um bebê. Tenho olhado no fundo dos olhos de meu marido e lhe falado do meu amor por êle, e seus olhos sempre retribuem êsse amor.

E lembro-me sempre de que num momento de descuido quase joguei fora tôdas essas coisas. Por ter estado tão perto de perdê-las, nunca mais poderei considerar que me são devidas.



Na Era Automática

UMA SENHORA entrou no elevador automático num hospital: "Vamos ver", disse ela, "quero ir ao quarto 1 126." E apertou os botões 11, 2 e 6.